

Algo de interessante acontece nas páginas da *Gazeta Mercantil* em seu caderno de *Fim de Semana*. Volta e meia alguém comenta que está lendo o jornal nas sextas-feiras por causa dos assuntos de literatura, de música, de dança, etc. E de design. Tem gente assinando o jornal só na edição de sexta-feira. As matérias de design, que abrangem uma vasta gama de assuntos do setor – do produto à gráfica, do consumo àquele design mais experimental –, são excelente matéria-prima para estudantes de graduação e pós-graduação e importantes documentos que registram a história recente da atividade cuja idade – pelo menos no Brasil – é desconhecida ou ocultada pela falta de historiadores interessados no assunto. Quando se fala em história do design no Brasil, a única referência são os pioneiros, e parece que os anos 70, 80 e 90 não merecem um olhar crítico ou reflexivo ou até mesmo documental, tal a falta de publicações, de pesquisas e ensaios sobre o assunto. Claro que há as exceções, mas não são assunto para este texto. Outro sinal da receptividade ao enfoque da *Gazeta Mercantil* está nos murais das escolas de arte, design, comunicação, arquitetura, etc. Nesses locais, grandes cópias em xerox são atualizadas semanalmente com as matérias do caderno *Fim de Semana*. Bom sinal.

A responsável por isso é a jornalista Adélia Borges. Ela é uma das maiores conhecedoras das atividades do design no Brasil: é crítica, autora, jurada, curadora. Como jornalista e editora, tem rigor na construção e na transmissão das informações, sem se limitar às tecnicidades dos manuais de redação e, ao contrário de muitos – inclusive deste que aqui escreve –, dirige sua atenção e sensibilidade para o público leigo e não para os cardeais ou para o baixo clero micreiro da profissão. Isso não quer dizer que ela omita suas opiniões ou posturas ideológicas. Ao contrário, se debruça com atenção sobre esses assuntos “periféricos” – cultura, tecnologia, economia, política – que no mais das vezes são escondidos por pontos de vista meramente técnicos, estéticos e por posicionamentos corporativos da classe profissional. Ao invés de ocultar, sua escrita é reveladora das dificuldades dos designers em se comunicar com a indústria e com o público. Pois, afinal, quando se vêem referências a design na grande imprensa, essas estão no mais das vezes nas colunas sociais e relacionadas com atividades que na verdade são alheias ao mundo do

ESCREVER SOBRE DESIGN

A ESCRITA DE ADÉLIA BORGES

desenho industrial: vemos artesões de jóias, cabeleireiros, técnicos de som e luz chamados de designers, palavra que hoje carimba um sem-número de atividades semi-artísticas e semi-artesanais.

Conheço Adélia faz uma dezena de anos ou mais. Nem sei bem quando foi a primeira vez que cruzamos no caminho do design e das palavras. Acho que foi em 1990 quando ela era editora executiva da revista *Design & Interiores* e publicou um número especial com portfólios de profissionais brasileiros (D&I, ano 3, nº 19, junho/julho 1990) intitulado *Design Brasileiro*, reeditado em 1993 com o título *Anuário* (D&I, ano 6, nº 32). Tempos depois ela virou consultora informal para as minhas matérias no *Caderno 2 de O Estado de São Paulo*. Com ela aprendi e entendi a importância de selecionar fontes e informações e a necessidade de pesquisas sobre os assuntos jornalísticos. Para contar uma boa história são necessários dados precisos.

Adélia tem um olhar acurado e crítico para as descobertas criativas e a percepção dos fatores tecnológicos que empurram o design para novas fronteiras. Ao mesmo tempo é capaz de se embrenhar nos fundões do Brasil à cata de expressões brasileiras, como no caso do livro sobre Maurício Azeredo (*A Construção da*

Adélia Borges
Muito barulho por nada

Adélia Borges
Muito barulho por nada

Identidade Brasileira no Mobiliário, edição do Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999). Assim como de identificar no trabalho de Oswaldo Mellone os dilemas e limites da atuação do profissional do design no país. Para entender o sucesso de Adélia é preciso conhecer experiências anteriores da jornalista, que demonstram sua capacidade como aglutinadora de idéias, cujo objetivo no fundo é uma visão mais pluralista e – ao mesmo tempo – regional do design brasileiro. A primeira, é a primorosa síntese dos dez anos do Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira (*Prêmio Design*, MCB, 1996), na qual documentos e fatos estão enganchados a um panorama da vida política e cultural do país, o que confere à sua narrativa uma permanente atualidade para aqueles que pretendem conhecer o design no país. A outra, é a deliciosa curadoria da mostra *Os Novos Alquimistas* (Itaú Cultural, São Paulo, novembro 1999), em que ela nos proporcionou uma visão bem brasileira do design de objetos à margem dos grandes fluxos tecnológicos do mundo globalizado. E, finalmente, não por ordem cronológica, deixar claro que foi ela a grande responsável pelo salto qualitativo da biennial de design gráfico, quando em 1997 e 1998 interligou uma grande rede nacional de participação e tirou por alguns momentos a biennial daquele patamar de clubinho fechado, alçando-a como evento de importância cultural e não apenas corporativista. Infelizmente equivocados do juri, com decisões baseadas na falsa idéia de que o que se faz no centro do país é sempre e em quaisquer circunstâncias superior ao que se faz no resto do Brasil, deitaram por terra as intenções iniciais. A oportunidade criada para aprendermos com a diversidade visual, tecnológica, temática, etc., foi trocada pela moeda barata de uma produção homogênea e internacionalista de design gráfico num país que tem – além das tribos descritas por Erika Palomino da *Folha de S. Paulo* –, quase lado a lado, tribos que vivem na idade da pedra e aquelas que consomem e se divertem na Internet. Uma pena.

Hoje ela escreve para o grande público e tem os empresários como alvo. (Os designers podem aproveitar também.) Com sua precisão, ela mata a cobra e mostra o pau; tem o fato e a explicação. A idéia e a indagação. Tem opinião e algumas vezes discordância e indignação com o que enxerga em volta. É assim que se forma uma visão correta do mundo em que vivemos e desenhamos. *Claudio Ferlauto*